

## José Acioli Filho e La Ursa Alagoana

Washington Monteiro da Anunciação  
*washington.anunciacao@ichca.ufal.br*

Jeamerson dos Santos  
*jeamerson38@hotmail.com*

Desde os tempos de menino ouço a La Ursa cantar: “La ursa quer dinheiro, quem não der é piranguero” (música cantada). Já na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), nos anos 1990, vi José Acioli Filho (1958-2021), um professor doutor do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA), construir e dar vida à esta entidade da cultura nordestina que oriunda do Folclore italiano; e, aqui, fez ressurgir no Guerreiro Alagoano, um grupo folclórico como parte dos seus “entremeios”. Atualmente, estão presentes no Carnaval e em suas prévias nas esquinas de Maceió (AL).

“Quem não der é piranguero la ursa, la ursa ...” — no molde de barro, ele ia colando papéis grossos de cimento molhado, cola branca e um amolegado colocava para secar, com jeitinho, e depois de seco, retirava da moldura, pintava a máscara e estava pronta a base, fundamento da animação. “Quem não dá é piranguero” ... aí, vinha o figurino multicolor, com retalhos costurados numa jaqueta, composição estética de cores quentes parte desse personagem brincante e apavorador. Feio, desengonçado, todo desarrumado, pisa forte, dança ligeiro, corre atrás de crianças, mete medo. Nas apresentações do Guerreiro tinha a função de espalhar, organizar com Matheus as rodas, espaço para as apresentações.

Em Alagoas, na UFAL, JOSÉ ACIOLI FILHO, também bonequeiro, repetia, criava – a cada turma por ele composta –, suas aulas, oficinas e experimentos tais como o da La ursa, e tantos outros, tornavam-se espetáculos e, ao final, saindo da sala: Laboratório de Teatro de Animação (LATA) tomando as ruas, praças e salões. Cenário não há, nas ruas, batendo latas, às vezes em tarôs, caixas e tambores, as personagens intimidavam, avançavam para cima dos transeuntes, estendendo as mãos cantavam e dançavam, sempre sob a luz do dia.

A Arte de Acioli, com seus traços, conteúdos e formas, manifestam resultados para além do contemplativo, em seu ativismo na luta contra o racismo estrutural: desempenhou estudos de concepção artística da visualidade cênica, valorizando o que o Brasil e Alagoas têm de potência artística, incluindo as temáticas afro brasileiras em contextos de referência. Corajosamente, dentro da academia, foi um dos pioneiros a trabalhar na sala de aula a aplicabilidade da lei do ensino de história afro indígena. C, contribuindo com o

desenvolvimento de novos pensamentos sobre relações de saberes acadêmicos e saberes das culturas populares, ciente que a construção de conhecimentos não é algo singular e de domínio apenas do campo acadêmico. Desenvolvia projetos que dialogavam com as expressões de saberes artísticos como por exemplo: bumba-meu-boi, boi de carnaval, guerreiros e tantas outras referências pertencentes das culturas populares.

“La ursa quer dinheiro, quem não der é pirangueiro”, nunca é demais repetir: no processional, a brincadeira demonstrava uma função teatral e a encenação tornava-se um pouco de cada fundamento que o teatro nos oferece e que, com maestria, o professor Acioli criava, produzia em seus projetos como cenógrafo, figurinista e artista visual, tornando vivas as suas criações e dando asas aos alunos para que de forma empírica improvisassem, dialogando com a cultura popular.

Maceió (AL), 21 de outubro de 2022.